

VI Seminário Nacional de Pesquisas e Práticas na Educação na Infância e III Congresso Internacional de Educação e Infância: Financeirização da Formação Docente e Educação da Infância - CIEI. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas, 2025.

Formação de professores e identidade cultural na infância haitiana: contribuições da psicologia histórico-cultural.

Maxo St Victor.

Cita:

Maxo St Victor (Diciembre, 2025). *Formação de professores e identidade cultural na infância haitiana: contribuições da psicologia histórico-cultural*. VI Seminário Nacional de Pesquisas e Práticas na Educação na Infância e III Congresso Internacional de Educação e Infância: Financeirização da Formação Docente e Educação da Infância - CIEI. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/maxo.st.victor/4>

ARK: <https://n2t.net/ark:/13683/pxZC/3da>



Esta obra está bajo una licencia de Creative Commons.
Para ver una copia de esta licencia, visite
<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/deed.es>.

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.



FORMAÇÃO DE PROFESSORES E IDENTIDADE CULTURAL NA INFÂNCIA HAITIANA: CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL

Eixo Temático: Formação de Professores para as Infâncias

Maxo St Victor³⁵⁹

Resumo

Este artigo discute a relação entre a formação de professores e a valorização da identidade cultural na infância haitiana, com base nos pressupostos da Psicologia Histórico-Cultural. O objetivo central é analisar como uma formação docente crítica, enraizada na cultura local e orientada pelo ensino na língua materna, pode contribuir para a constituição da consciência identitária das crianças no contexto haitiano. Parte-se do seguinte problema de pesquisa: como a formação de professores, ancorada em uma perspectiva histórico-cultural, pode promover uma educação da infância que afirme a identidade cultural haitiana e enfrente os legados da colonização? O estudo adota uma abordagem teórica e qualitativa, fundamentada na análise bibliográfica de autores como Vygotsky (1991, 1995), Leontiev (1978), Freire (2013) e Price-Mars (1944), articulando contribuições do pensamento pedagógico crítico e das ciências humanas haitianas. Os resultados indicam que a negação da cultura e da língua crioula nas práticas escolares compromete o desenvolvimento pleno das crianças e reforça desigualdades históricas. Por outro lado, evidenciam que a valorização da cultura afro-haitiana e a formação docente voltada à mediação cultural e à prática pedagógica emancipadora possibilitam avanços significativos na construção da identidade e na afirmação da infância como sujeito histórico e cultural. Conclui-se que uma formação docente comprometida com o reconhecimento da diversidade linguística e cultural é condição essencial para transformar a educação da infância haitiana em um espaço de resistência, pertencimento e desenvolvimento humano integral.

Palavras-chave: Infância Haitiana. Formação Docente. Identidade Cultural.

INTRODUÇÃO

A formação de professores para a educação da infância em contextos historicamente marcados por desigualdades sociais, colonização e apagamento cultural constitui um dos desafios centrais das políticas educacionais contemporâneas. Em tais cenários, a infância é frequentemente submetida a processos de escolarização que desconsideram suas especificidades históricas, culturais e linguísticas, reforçando dinâmicas de exclusão e silenciamento.

No caso do Haiti, país cuja trajetória está profundamente ligada à luta por soberania, à resistência negra e à pluralidade cultural, a educação tem sido tensionada por uma estrutura que, historicamente, desvalorizou a língua crioula, marginalizou os saberes locais e promoveu

³⁵⁹ Doutorando em Educação, Universidade Estadual de Ponta Grossa, stvictormaxo@gmail.com.



modelos escolares importados, frequentemente descolados da realidade vivida pela maioria da população. Esse processo não pode ser compreendido de forma isolada, pois se insere em uma lógica mais ampla de colonialidade do saber e do poder, conforme apontam autores do pensamento descolonial.

Ao longo da história haitiana, a imposição de modelos escolares eurocêntricos contribuiu para a manutenção de desigualdades estruturais, inclusive no campo da formação docente. Nesse cenário, torna-se urgente repensar os processos formativos dos professores da infância haitiana, considerando os vínculos entre educação, identidade cultural e emancipação social. É preciso reafirmar o papel da escola como espaço de valorização da diversidade, de resistência simbólica e de construção de pertencimento.

O objeto desta pesquisa é a articulação entre formação docente e construção da identidade cultural na infância haitiana, em uma perspectiva que valorize as especificidades linguísticas, históricas e culturais do país. O objetivo geral é analisar como uma formação docente crítica, enraizada na cultura local e orientada pelo ensino na língua materna, pode contribuir para a constituição da consciência identitária das crianças no contexto haitiano.

Essa perspectiva parte do reconhecimento da infância como categoria histórica e culturalmente situada, que se constrói na relação com os outros, mediada pela linguagem, pela cultura e pelas práticas sociais. Como objetivos específicos, busca-se: a) discutir os impactos do desrespeito à língua materna no processo educativo haitiano; b) examinar o papel da formação docente na promoção da cultura afro-haitiana; e c) identificar contribuições teóricas e metodológicas da Psicologia Histórico-Cultural para a educação da infância nesse contexto.

A proposta assume que a valorização do crioulo como língua de ensino e a incorporação dos saberes afrodescendentes são dimensões essenciais para o desenvolvimento integral da criança haitiana. O problema que orienta esta investigação é: como a formação de professores, ancorada em uma perspectiva histórico-cultural, pode promover uma educação da infância que afirme a identidade cultural haitiana e enfrente os legados da colonização?

Essa pergunta emerge da constatação de que a escola, quando alheia à realidade sociocultural das crianças, reproduz formas sutis de violência simbólica e exclusão identitária. Por outro lado, quando pautada por uma prática crítica e culturalmente situada, ela pode tornar-se um espaço potente de emancipação, de reconhecimento e de afirmação da infância como sujeito histórico e coletivo.

Para responder a essa questão, opta-se por uma metodologia qualitativa, de natureza teórico-bibliográfica, com base em autores como Vygotsky (1991, 1995), Leontiev (1978), Freire (1996, 2013), Price-Mars (1944) e outros estudiosos que articulam os campos da educação, cultura e desenvolvimento humano. A escolha por esse referencial teórico está



ancorada na compreensão de que o desenvolvimento da consciência e da identidade se dá por meio da mediação simbólica, em contextos sociais concretos e historicamente determinados.

A Psicologia Histórico-Cultural, nesse sentido, oferece instrumentos conceituais relevantes para pensar tanto a formação docente quanto o processo educativo da infância em territórios marcados por processos históricos de colonização e resistência. A análise se constrói por meio da articulação entre conceitos teóricos e o contexto histórico-social haitiano, buscando iluminar caminhos possíveis para uma formação docente crítica, culturalmente situada e comprometida com a infância como sujeito histórico e coletivo.

Ao mesmo tempo, a investigação insere-se no debate sobre o papel da educação na superação das desigualdades e no fortalecimento de projetos decoloniais. A valorização da língua crioula, das tradições afrodescendentes e dos saberes populares emerge, assim, como dimensão estratégica de uma proposta pedagógica que reconhece a pluralidade cultural haitiana e afirma o direito das crianças a uma formação completa em sua dimensão humana.

METODOLOGIA

Esta pesquisa é de natureza qualitativa, com enfoque teórico-bibliográfico, e está ancorada nos pressupostos epistemológicos da Psicologia Histórico-Cultural. O objetivo da investigação é analisar como uma formação docente crítica, enraizada na cultura local e orientada pelo ensino na língua materna, pode contribuir para a constituição da consciência identitária das crianças no contexto haitiano.

A escolha dessa abordagem decorre do compromisso com uma compreensão profunda dos fenômenos educacionais, em sua complexidade histórica, cultural e simbólica, e não da busca por generalizações estatísticas ou experimentais. Optou-se por uma abordagem teórica justamente por se tratar de uma análise crítica que visa interpretar a realidade educacional haitiana à luz de referenciais conceituais e filosóficos, sem a utilização de dados empíricos ou procedimentos experimentais.

Trata-se de uma investigação que assume o conhecimento como construção histórico-social e que compreende a educação como prática cultural situada, mediada pela linguagem, pelas relações sociais e pelas contradições que atravessam o campo formativo. A pesquisa é estruturada com base na análise de obras clássicas e contemporâneas que abordam o desenvolvimento humano, a mediação cultural, a formação da consciência e a educação como prática social, buscando, a partir disso, traçar caminhos para a transformação das práticas formativas no Haiti.

As contribuições da Psicologia Histórico-Cultural (Vygotsky, 1991, 1995; Leontiev, 1978; Pasqualini, 2006), da pedagogia crítica (Freire, 1996, 2013), do pensamento haitiano



descolonial (Price-Mars, 1944), assim como de autores que tratam o sistema educacional haitiano e o problema linguístico que permanece no sistema (Charles, 2015; Perciney, 2022; St Victor, 2025; St Victor e Martiniak, 2025), são essenciais para a construção do arcabouço analítico desta investigação.

A articulação entre esses referenciais permite compreender a infância não como uma fase genérica do desenvolvimento humano, mas como uma experiência singularmente situada em contextos históricos, culturais e linguísticos específicos. A análise bibliográfica seguiu critérios de relevância temática e densidade teórica, priorizando fontes que contribuíssem para a articulação entre cultura, infância, linguagem e formação docente.

Buscou-se, ainda, considerar a pluralidade de perspectivas — incluindo autores haitianos — como forma de evitar leituras eurocentradas e reafirmar o compromisso da pesquisa com a valorização do pensamento situado e com a descolonização do conhecimento. Essa opção metodológica expressa uma postura crítica diante das hierarquizações epistemológicas ainda presentes na produção acadêmica, e busca contribuir para o fortalecimento de perspectivas educativas que partam das realidades locais e dos sujeitos que as habitam.

A estratégia metodológica envolveu a leitura crítica, a categorização temática e a síntese interpretativa do material selecionado. Tais procedimentos permitiram organizar o corpus teórico em torno de eixos analíticos que conectam os objetivos da pesquisa com os conceitos fundamentais da Psicologia Histórico-Cultural e com os desafios concretos enfrentados pela educação da infância no Haiti. A organização do texto foi guiada por esses eixos estruturantes, buscando construir uma análise que dialogue com a formação docente como prática transformadora e com o direito da infância haitiana a uma educação enraizada em sua língua, cultura e história.

FUNDAMENTOS TEÓRICOS: PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL E FORMAÇÃO DOCENTE NA INFÂNCIA HAITIANA

A Psicologia Histórico-Cultural, desenvolvida por Lev S. Vygotsky (1991, 1995) e ampliada por seus colaboradores, como Leontiev (1978), parte da premissa de que o desenvolvimento humano é resultado das interações sociais mediadas por instrumentos e signos, sobretudo a linguagem. Nesse referencial, a formação da consciência, da personalidade e da identidade dos sujeitos ocorre no interior das práticas culturais historicamente constituídas.

O sujeito não nasce pronto, mas se constitui por meio da apropriação ativa dos instrumentos culturais de seu meio, mediada pelas relações sociais. A infância, nesse contexto, é compreendida como um período essencial do desenvolvimento humano,



caracterizado por intensas transformações psíquicas e sociais que se realizam por meio da mediação do outro (adulto, educador, coletivo social). Vygotsky (1991) sustenta que o desenvolvimento infantil é impulsionado pela aprendizagem mediada culturalmente.

Nesse processo, a criança internaliza os signos sociais e constrói suas funções psicológicas superiores, como a memória lógica, a atenção voluntária e o pensamento reflexivo. “[...] Elas os recebem das pessoas que as rodeiam e apenas depois tomam consciência ou descobrem as funções de tais signos” (Vygotsky, 1995, p. 179). A linguagem, nesse sentido, constitui-se como ponte entre a experiência subjetiva e o mundo objetivo, mediando não apenas a comunicação, mas também a formação da consciência e da identidade (Bakhtin, 1993; Martins, 2011).

Conforme Martins (2013, p. 201), “[...] o pensamento passa ao abstrato, não se separa do concreto, mas invariavelmente volta. [...] o conhecimento abandona sempre o concreto, retornando a ele por meio do abstrato”. A língua materna, portanto, desempenha papel decisivo na constituição do sujeito, pois é por meio dela que a criança organiza suas vivências, reconhece sua coletividade e elabora seu pertencimento social.

No Haiti, a valorização do crioulo como meio de instrução representa não apenas uma medida pedagógica eficaz, mas uma estratégia de resistência simbólica frente à exclusão linguística e cultural. A exclusão histórica da língua crioula no espaço escolar haitiano compromete o desenvolvimento da consciência e da identidade cultural das crianças. Quando a língua materna é substituída por uma língua imposta, como o francês, estabelece-se uma ruptura entre a criança e seu universo sociocultural, comprometendo sua autoestima, seu enraizamento e sua aprendizagem.

A superação dessa lógica requer a valorização da cultura afro-haitiana e o reconhecimento da infância como sujeito histórico e coletivo. Trata-se de uma exigência teórica e ética, que reposiciona a formação docente como prática social e culturalmente situada. Nesse ponto, as contribuições de Paulo Freire (2013) reforçam a importância da educação como prática de liberdade, centrada no diálogo e no respeito à cultura do educando.

Ensinar, segundo o autor, “não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção” (Freire, 2013, p. 47). Essa perspectiva exige do educador um compromisso com a leitura crítica da realidade e com a mediação pedagógica como prática emancipadora. Freire (2013) e Vygotsky (1995) convergem ao compreender o conhecimento como resultado de interações humanas, historicamente situadas, onde a linguagem desempenha papel constitutivo da consciência.

Leontiev (1978), ao desenvolver a teoria da atividade, afirma que o psiquismo humano se constitui na prática social, ou seja, na relação do sujeito com o mundo por meio de ações motivadas coletivamente. Esse princípio é inevitavelmente crucial para pensar a formação de professores comprometida com a transformação social. Pasqualini (2006) complementa essa



perspectiva ao afirmar que a consciência se forma nas interações sociais, mediadas por práticas culturais específicas.

Assim, a atividade pedagógica não é neutra: ela expressa visões de mundo, valores e projetos de sociedade. O professor, nesse cenário, deve ser preparado para atuar criticamente diante das contradições do contexto, reconhecendo a cultura local como base para a construção do conhecimento. No Haiti, esse compromisso ético e pedagógico demanda que o educador reconheça a criança como sujeito histórico-cultural, enraizado em uma realidade linguística e simbólica própria.

Esse reconhecimento amplia o papel do docente, que passa a atuar como mediador entre os saberes escolares e a experiência vivida pelas crianças. A revalorização da língua crioula e das tradições afrodescendentes torna-se, assim, fundamento de uma pedagogia comprometida com a dignidade e o pertencimento. Como afirma Price-Mars (1944), a emancipação do povo haitiano depende do reconhecimento de suas raízes culturais e da valorização daquilo que constitui sua “alma coletiva”.

O autor defende a legitimidade do folclore, da religião vodu, da oralidade e dos saberes populares como expressões legítimas da identidade haitiana. Para ele, a cultura popular deve ser base para um projeto de educação nacional e descolonizadora. Ao afirmar que a identidade cultural é uma construção coletiva, Price-Mars (1944) antecipa debates contemporâneos sobre currículo, identidade e justiça epistemológica, convocando os educadores haitianos a se posicionarem diante das heranças coloniais ainda presentes na escola.

Por fim, autores como Martins (2013) e Pasqualini (2006) aprofundam a interface entre a Psicologia Histórico-Cultural e a formação docente na infância, destacando que o desenvolvimento humano é sempre um processo dialético entre o sujeito e a sociedade. Conforme Vygotsky (1996, p. 258), o desenvolvimento é um “processo dialético” que, em cada período da vida, constitui uma totalidade única e estruturada.

A intersecção entre a trajetória individual e as condições sociais permite compreender como o contexto histórico-cultural influencia a constituição da personalidade. Martins (2007) reforça que a compreensão da relação entre indivíduo e sociedade já estava presente em Marx (2006), cuja obra fundamenta a noção de que o ser humano se constitui nas relações sociais.

“Cada uma das suas relações humanas com o mundo, ver, ouvir, cheirar, degustar, sentir, pensar, intuir, [...] são no seu comportamento objetivo ou no seu comportamento para com o objeto a apropriação do mesmo, a apropriação da efetividade humana [...]” (Marx, 2006, p. 108). Como afirma Santos (2008), compreender como os significados são construídos socialmente é essencial para compreender os processos de identidade coletiva — e, no caso haitiano, para potencializar o papel da educação como ferramenta de transformação.



Assim, os fundamentos teóricos que orientam esta pesquisa possibilitam compreender que a formação docente, quando situada histórica e culturalmente, torna-se uma ferramenta de resistência e transformação. A Psicologia Histórico-Cultural, articulada ao pensamento pedagógico crítico e às epistemologias do Sul, oferece subsídios teóricos consistentes para pensar uma formação de professores voltada à justiça linguística, à valorização das culturas locais e ao reconhecimento da infância como sujeito pleno de direitos.

IDENTIDADE CULTURAL E INFÂNCIA NO CONTEXTO HAITIANO

A infância haitiana se constitui historicamente em um contexto de complexas contradições sociais, linguísticas e culturais remontando ao período colonial. Após a Revolução Haitiana (1791–1804), o Haiti emergiu como a primeira república negra independente, mas permaneceu tensionado por uma elite dirigente que manteve a centralidade do francês na educação formal, ao custo da invisibilização da cultura popular — revelando uma tensão entre liberdade política e exclusão simbólica.

A construção do sistema educacional voltado à infância enfrentou desde o início tensões entre valorização da cultura local e imposição de modelos estrangeiros. Embora o crioulo seja falado pela maior parte da população, o francês permaneceu como língua oficial da escolarização, especialmente nos anos iniciais. Essa escolha linguística reforçou lógicas de distinção simbólica e cultural, dissociando a escola da realidade das crianças.

Esse distanciamento linguístico impõe obstáculos significativos à aprendizagem infantil e à formação da identidade. Essa, no imaginário da elite haitiana assim foi construída sobre as diferenças de língua, de religião, de cor e práticas étnicas, diferenças essas por vezes invisíveis” (Charles, 2015, p. 39). A criança haitiana escolarizada em língua não materna vive uma dissonância que atinge seu processo cognitivo e afetivo.

A Psicologia Histórico-Cultural mostra que a apropriação dos signos culturais, especialmente da linguagem, ocorre na relação com o outro: se ensinados em língua alheia, tais signos perdem potência formadora, afetando a constituição da subjetividade.

Ademais, iniciativas recentes reforçam essa análise: por exemplo, Jocelyne Trouillot, pedagoga e autora de literatura infantil em crioulo, lançou materiais didáticos e livros para crianças (como *126 lèt damou*, 2011) destinados à alfabetização bilíngue e à visibilidade da língua materna (Trouillot, 2011). Essas iniciativas representam tentativas efetivas de articular ensino e cultura local na infância haitiana, ilustrando um caminho concreto de resistência simbólica.

A desvalorização da cultura afro-haitiana por longo tempo foi denunciada por intelectuais desde o século XIX. Nau (1837), por exemplo, questionou “a ideia amplamente aceita na época na Europa, segundo a qual os "povos negros" eram incapazes de participar



da civilização e desempenhar um papel significativo na história”. No século XX, Price-Mars (1944) propôs a revalorização da “alma haitiana”, incluindo vodu, oralidade e saberes populares como pilares da identidade nacional.

Essa proposta é retomada por Michel-Rolph Trouillot em *Silencing the Past* (1995), obra fundamental que analisa como o poder decide quais narrativas históricas são silenciadas ou valorizadas. O autor demonstra que a Revolução Haitiana foi ocultada por narrativas ocidentais dominantes, e argumenta que o reconhecimento simbólico dessa revolução é central para a construção de uma identidade coletiva emancipadora (Trouillot, 1995).

Essas reflexões demonstram que a infância haitiana carrega o legado da resistência, mas também dos silenciamentos históricos. É na infância, segundo a teoria histórico-cultural, que a criança começa a internalizar signos culturais, construir sentido de pertencimento e desenvolver sua visão de mundo. A invisibilização da cultura local na escola — seja pelo idioma, seja pela exclusão dos saberes afrodescendentes — produz alienação cultural e fragiliza a autoestima identitária.

De forma concreta, projetos comunitários como oficinas literárias em crioulo promovidas por Lyonel Trouillot, irmão de Michel-Rolph, também colaboram para reencantar a cultura popular na infância. Trouillot coordena o *Atelier Jeudi soir*, que aproxima jovens da periferia de Porto Príncipe à produção literária engajada, valorizando o crioulo como veículo expressivo e formativo (Trouillot, 2012).

A formação docente, por sua vez, precisa internalizar essas múltiplas referências e reconhecer o professor como agente cultural e mediador simbólico. A prática pedagógica exige que o docente dialogue com a cultura local e com iniciativas de educação em língua materna, tornando-se um facilitador do pertencimento cultural. A escola, dessa forma, pode tornar-se não apenas espaço de instrução, mas de afirmação identitária e transformação social.

Esses exemplos e autorias contemporâneas enriquecem a análise ao demonstrar que existe no Haiti — apesar das adversidades — um corpus emergente de produção pedagógica e intelectual que valoriza a infância crioulofônica. A convergência entre esses autores e práticas com os pressupostos da Psicologia Histórico-Cultural fortalece uma pedagogia formadora e descolonizadora, fundamental para uma educação da infância que reconheça e afirme identidades locais em contextos de negação simbólica histórica.

LÍNGUA, CULTURA E FORMAÇÃO DE PROFESSORES NO HAITI

A formação docente no Haiti ainda se estrutura majoritariamente a partir de modelos francófonos e excludentes, herdados da ordem colonial. Apesar do reconhecimento constitucional do crioulo como língua oficial da República do Haiti desde 1987 (Haiti, 1987), o



francês continua a dominar os processos de instrução, avaliação e formação profissional dos educadores.

Bem antes dessa legislação, a reforma educacional de 1982, que tornou o crioulo a língua de ensino no sistema educacional haitiano, nunca foi implementada. Ela destaca as dificuldades de aprendizagem em francês e a falta de pessoal e textos de referência adaptados ao contexto haitiano (Haiti, 1982).

Esse descompasso entre a realidade linguística da população — majoritariamente crioulofônica — e o idioma da escola contribui para a reprodução das desigualdades sociais e para o fracasso escolar entre as crianças das camadas populares (Hebblethwaite, 2012). Diante desse quadro, Perciney (2022, p. 32) observa que “o setor educacional haitiano enfrenta um grave problema linguístico que merece ser resolvido”.

Como resposta a esse diagnóstico, St Victor e Martiniak (2025, p. 2) propõem uma alternativa concreta, ao “defender que o crioulo deve ser efetivo no ensino primário no Haiti, pois isso melhora o desempenho e o engajamento escolar”. Nesta perspectiva, St Victor (2025, p. 5) conclui que a integração entre aprendizagem significativa e avaliação formativa representa um caminho viável e fundamentado para a construção de práticas pedagógicas mais justas, inclusivas e transformadoras.

Na prática, o ensino em crioulo permanece marginalizado, mesmo com declarações políticas que indicam intenção de valorizá-lo. Projetos como a introdução do “livro único” em crioulo nos anos iniciais, anunciados pelo Ministério da Educação (MENFP) em 2023, representam tentativas pontuais que, até o momento, não se converteram em políticas amplamente implementadas ou incorporadas à formação docente (Manigat, 2023). O discurso oficial muitas vezes encobre a continuidade de uma estrutura educacional que privilegia o francês como símbolo de prestígio e ascensão social.

Iniciativas de escolarização em crioulo, como a da escola comunitária Matènwa, na ilha de La Gonâve, mostram que a educação em língua materna pode favorecer tanto a aprendizagem quanto o desenvolvimento afetivo e identitário das crianças (DeGraff, 2015). No entanto, essas experiências permanecem isoladas e enfrentam resistência institucional para serem adotadas em larga escala.

Mesmo em instituições de ensino superior, as ações de valorização do crioulo como língua de formação são episódicas e não estruturam o currículo de forma sistemática. Nesse cenário, a formação de professores pouco considera os saberes locais, a diversidade linguística e a cultura popular como fundamentos pedagógicos.

A teoria histórico-cultural oferece elementos essenciais para refletir sobre essa lacuna: o desenvolvimento psíquico e a formação da consciência ocorrem por meio da mediação simbólica, sendo a linguagem materna um instrumento central nesse processo (Vygotsky,



1995). Quando o educador é formado em um idioma alheio ao seu universo linguístico e cultural, o processo formativo se torna limitado e alienante.

A crítica de Michel-Rolph Trouillot (1995) à produção seletiva da história e ao silenciamento das vozes populares é plenamente aplicável à realidade educacional haitiana. A imposição do francês como língua única de instrução é, também, uma forma de apagar narrativas, identidades e epistemologias que não se alinham ao modelo dominante.

A formação docente, nesses termos, precisa ser repensada como um espaço de resistência e reconstrução histórica, no qual o professor seja reconhecido como mediador cultural e agente de transformação. O escritor e educador Lyonel Trouillot (2012) defende uma pedagogia da palavra, enraizada na experiência do povo. Para ele, a educação no Haiti deve recuperar a legitimidade da fala em crioulo e da tradição oral como fontes de construção do conhecimento.

Essa perspectiva converge com o pensamento freireano, segundo o qual ensinar é um ato político, ético e cultural. Valorizar a língua materna e a cultura local é, portanto, uma condição para formar professores capazes de atuar com criticidade e compromisso social. Diante disso, a ausência de uma política nacional estruturada para a formação docente em crioulo revela não apenas uma fragilidade técnica, mas uma opção ideológica.

Ao manter o francês como língua predominante na formação inicial e continuada, o sistema educacional haitiano continua a reforçar mecanismos históricos de exclusão e subordinação simbólica. A superação desse quadro exige mais do que projetos isolados: requer uma transformação profunda das bases linguísticas, culturais e epistemológicas que sustentam a formação de professores no país.

A FORMAÇÃO DOCENTE COMO PRÁTICA EMANCIPADORA

A formação docente, especialmente no campo da educação da infância, deve ser concebida como um processo dialético e histórico, no qual o educador se reconhece como sujeito ativo na mediação entre cultura, conhecimento e transformação social. No Haiti, essa concepção ganha contornos ainda mais urgentes diante dos efeitos persistentes do colonialismo, da negação da língua crioula e da invisibilização das tradições afrodescendentes no espaço escolar.

Nessa perspectiva, a formação de professores precisa assumir um caráter emancipador, voltado à superação das estruturas que reproduzem a desigualdade, o racismo linguístico e o apagamento cultural. A Psicologia Histórico-Cultural oferece uma base sólida para pensar essa formação. Ao afirmar que o desenvolvimento humano se dá por meio da mediação simbólica em contextos culturais concretos, Vygotsky (1991) permite entender que



o professor não apenas transmite conteúdos, mas participa da constituição da consciência dos sujeitos.

Entretanto, é preciso reconhecer que a construção de uma formação docente crítica e culturalmente situada no Haiti se dá em um contexto de crescentes ameaças globais, entre elas, a financeirização da educação. Esse processo, marcado pela entrada de interesses privados na formulação de políticas educacionais e pela lógica de mercado na formação docente, tende a reduzir a complexidade da docência a competências padronizadas, mensuráveis e descontextualizadas (Dardot & Laval, 2017).

No caso haitiano, essa tendência reforça ainda mais a marginalização da cultura local e da língua crioula, uma vez que os modelos de formação docente importados e financiados por organismos multilaterais frequentemente ignoram as especificidades culturais e linguísticas do país. Assim, pensar a formação de professores da infância a partir da Psicologia Histórico-Cultural e da valorização da identidade haitiana é também resistir às imposições de um projeto neoliberal de educação que compromete a emancipação dos sujeitos, negando a diversidade.

Essa função exige que o educador conheça criticamente o contexto em que atua, reconheça as contradições que atravessam o cotidiano escolar e se posicione diante delas com compromisso ético e político. Ensinar, nesse sentido, é sempre um ato ideológico, que pode reforçar ou contestar a lógica dominante. Paulo Freire (2013) aprofunda essa concepção ao compreender a educação como prática da liberdade. Para ele, o professor deve ser um intelectual orgânico, que problematiza a realidade com seus alunos, valoriza seus saberes e estimula a construção coletiva do conhecimento.

No caso haitiano, isso significa assumir uma postura pedagógica que combata o preconceito linguístico, resgate os saberes populares e promova o uso efetivo do crioulo como língua de instrução e de valorização identitária. Essa prática exige não apenas uma mudança curricular, mas uma transformação profunda na forma como os professores são formados e reconhecidos socialmente.

Uma formação docente emancipadora no Haiti precisa partir do reconhecimento da infância como sujeito histórico-cultural, situado em uma realidade marcada por múltiplas opressões, mas também por resistências potentes. A infância haitiana não pode ser reduzida a um objeto passivo da intervenção pedagógica; ela é, ao contrário, portadora de uma cultura viva, de uma história coletiva e de uma capacidade ativa de construir sentidos.

O professor que compreende isso atua como mediador entre o mundo vivido da criança e os saberes escolares, buscando integrar o conhecimento formal às experiências culturais do território. Para tanto, é necessário formar professores que compreendam o papel da educação na formação da identidade, no fortalecimento do pertencimento e na promoção da justiça social. Como afirma Martins (2013), a prática pedagógica deve se estruturar a partir



das condições concretas da vida dos sujeitos, reconhecendo a relação entre o singular e o coletivo, o individual e o histórico.

No Haiti, isso implica construir uma pedagogia que valorize a infância em sua pluralidade, rejeite os modelos coloniais de ensino e integre a língua e a cultura do povo haitiano à formação escolar desde os primeiros anos. Nesse processo, a escola deixa de ser um instrumento de dominação cultural e passa a se tornar um espaço de resistência, reconstrução e emancipação.

Uma formação docente orientada por essa lógica transforma o papel do professor da infância: ele se torna um agente de mediação cultural, um facilitador da construção da identidade e um defensor da dignidade da criança haitiana. Essa é a base sobre a qual se pode pensar uma educação verdadeiramente democrática, inclusiva e transformadora.

CONTRIBUIÇÕES E POSSIBILIDADES PARA A EDUCAÇÃO DA INFÂNCIA HAITIANA

Diante dos desafios históricos, sociais e culturais enfrentados pela infância haitiana, a formação de professores se apresenta como um campo estratégico para a construção de uma educação voltada à valorização da identidade e à superação das desigualdades. Os dados analisados nesta pesquisa revelam que a exclusão do crioulo como língua de instrução e a negação das tradições afro-haitianas no espaço escolar não são apenas problemas pedagógicos, mas expressões de um modelo educativo fundado em lógicas coloniais, que ainda estruturam o sistema de ensino haitiano.

Nessa direção, a Psicologia Histórico-Cultural oferece importantes contribuições para reconfigurar o papel do professor e transformar a escola em um espaço de mediação cultural, construção da consciência crítica e afirmação identitária. Uma das principais possibilidades para a educação da infância haitiana reside na consolidação de políticas públicas que promovam a formação inicial e continuada de professores com foco na valorização da cultura local, da língua materna e das experiências infantis.

Isso implica rever os currículos das licenciaturas em pedagogia e ciências da educação, incluindo conteúdos que abordem a história haitiana a partir de uma perspectiva descolonizadora, bem como metodologias que favoreçam o ensino bilíngue com centralidade no crioulo. Também se faz necessária a produção de materiais didáticos contextualizados, que expressem o cotidiano das crianças haitianas, suas práticas culturais, seus modos de falar, brincar, narrar e aprender.

Outra contribuição essencial diz respeito à articulação entre universidade, escola e comunidade, de forma a romper com a lógica verticalizada da formação docente. Projetos de extensão, estágios supervisionados e programas de formação continuada devem promover o diálogo com os saberes populares e com os movimentos sociais que atuam em defesa da



infância e da cultura haitiana. Essa articulação fortalece o protagonismo dos professores e amplia sua capacidade de atuação crítica e comprometida com os territórios em que estão inseridos.

Do ponto de vista pedagógico, a adoção de abordagens dialógicas e participativas, inspiradas em Freire (2013) e nos princípios da Psicologia Histórico-Cultural, permite que os professores construam práticas significativas, que reconheçam as crianças enquanto sujeitos com capacidade de agir e transformar o processo educativo. Isso exige escuta sensível, mediação consciente e intencionalidade formativa voltada à emancipação e ao desenvolvimento integral das crianças.

Por fim, as possibilidades de transformação da educação da infância haitiana passam também pela construção de uma nova visão sobre a docência. Os professores da infância devem ser formados para se perceberem como intelectuais orgânicos, produtores de cultura e agentes políticos de mudança. Essa perspectiva contribui para o fortalecimento da autonomia docente, a valorização da profissão e o reconhecimento da escola como território de resistência simbólica e afirmação cultural.

Assim, a formação de professores para a infância haitiana, quando orientada pelos fundamentos da Psicologia Histórico-Cultural e pela valorização das culturas locais, oferece caminhos concretos para enfrentar as marcas da exclusão e abrir horizontes para uma educação comprometida com o direito à infância, à identidade e à dignidade humana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise desenvolvida neste artigo demonstra que uma formação docente ancorada nas especificidades culturais e linguísticas do Haiti, e orientada pelos aportes da Psicologia Histórico-Cultural, pode exercer um papel crucial na afirmação da infância haitiana como sujeito histórico, cultural e coletivo.

O estudo confirmou que a negação da língua crioula e das tradições afrodescendentes no espaço escolar não se limita a um problema de natureza pedagógica, mas revela um sistema educacional ainda marcado por heranças coloniais que perpetuam desigualdades, exclusões e apagamentos identitários.

Ao retomar a centralidade da linguagem como mediadora do desenvolvimento humano, conforme Vygotsky (1991, 1995), e ao reconhecer a formação docente como prática crítica e culturalmente situada, sustentada por autores como Freire (1996, 2013) e Price-Mars (1944), o trabalho demonstrou que a constituição da consciência identitária da criança depende diretamente de uma escola que a reconheça, a escute e a represente.



Nesse sentido, formar professores comprometidos com a valorização da língua materna, com o respeito aos saberes populares e com práticas pedagógicas descolonizadoras é condição essencial para garantir o direito ao pertencimento e ao desenvolvimento integral da infância haitiana.

Entre os principais encaminhamentos extraídos da pesquisa, destacam-se: a necessidade de políticas públicas que promovam o ensino bilíngue com centralidade no crioulo; a reformulação dos currículos de formação inicial e continuada de professores, incorporando conteúdos sobre história, cultura e identidade haitiana; e a produção de materiais didáticos contextualizados, sensíveis à realidade sociocultural das crianças.

Além disso, ressalta-se a importância da articulação entre universidade, escola e comunidade, visando romper com lógicas verticalizadas de formação e potencializar a construção coletiva do conhecimento. Como possibilidades futuras de investigação, sugere-se o aprofundamento empírico dessa temática por meio de estudos de campo com professores, crianças e comunidades escolares no Haiti, de modo a compreender como essas práticas de formação e valorização cultural se concretizam (ou são obstaculizadas) no cotidiano educativo.

Também seria relevante analisar iniciativas de ensino bilíngue em andamento no país, seus impactos e desafios, contribuindo para a consolidação de uma educação da infância que seja, de fato, emancipadora, democrática e culturalmente enraizada.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **Para uma filosofia do ato estético**. São Paulo: Hucitec, 1993.

CHARLES, V. **Análise da identidade e da alteridade no sistema educacional haitiano**. 2015. 145 f. Universidade Estadual de Campinas, 2015.

DARDOT, P; LAVAL, C. *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*. São Paulo: Boitempo, 2017.

DE GRAFF, M. **Three questions: on Haiti's new policy for teaching in Kreyòl**. MIT News, 2015.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 45. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FREIRE, P. **Pedagogia da esperança**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HAITI. **Constitution de la République d'Haïti de 1987**. [S.l.: s.n.], 1987.

HAITI. MINISTÈRE DE L'ÉDUCATION NATIONALE (MEN). **La réforme éducative: éléments d'information**. [S.l.: s.n.], 1982.



HEBBLETHWAITE, B. French and underdevelopment, Haitian Creole and development: Educational language policy problems and solutions in Haiti. **Journal of Pidgin and Creole Languages**, v. 27, n. 2, 2012.

LEONTIEV, A. **O desenvolvimento do psiquismo**. Lisboa: Horizonte, 1978.

MANIGAT, N. **Le livre unique en créole haïtien**. Discurso, MENFP, 2023.

MARTINS, L. M. **A formação social da personalidade: um enfoque vigotskiano**. Campinas: Autores Associados, 2007.

MARTINS, L. M. **O desenvolvimento do psiquismo e a educação escolar: contribuições à luz da Psicologia Histórico-Cultural e da Pedagogia Histórico-Crítica**. Campinas: Autores Associados, 2013.

MARTINS, L. M. Sobre o processo funcional do pensamento. In: _____. **O desenvolvimento do psiquismo e a educação escolar: contribuições à luz da Psicologia Histórico-Cultural e da Pedagogia Histórico-Crítica**. Bauru: Departamento de Psicologia da UNESP, 2011. p. 122–179.

MARX, K. **Manuscritos econômico-filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2006.

NAU, É. Quelques aspects sur l'instruction publique. **Le Républicain, Recueil Scientifique et Littéraire**, Imprimerie J. Courtois, n. XIII, 15 fév. 1837.

PASQUALINI, J. C. **Contribuições da Psicologia Histórico-Cultural para a educação escolar de crianças de 0 a 6 anos: desenvolvimento infantil e ensino em Vigotski, Leontiev e Elkonin**. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação Escolar) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), Araraquara, 2006.

PERCINEY, J. **O sistema educacional no Haiti: desafios para o acesso e o direito à educação pública**. Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2022.

PRICE-MARS, J. **Ainsi parla l'oncle**. Port-au-Prince: Les Éditions Henri Deschamps, 1944.

SANTOS, B. S. **A crítica da razão indolente: contra o destino da desigualdade**. São Paulo: Cortez, 2008.

ST VICTOR, M. "Aprendizagem Significativa E Avaliação Formativa: Caminhos Para Reduzir A Evasão Escolar No Haiti". In: **Simpósio Educacional Integrado**, 3, 9 jul. 2025. **Anais [...]** [S.l: s.n.], 9 jul. 2025. p. 1. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/iii-simposio-educacional-integrado-535794/1120721-aprendizagem-significativa-e-avaliacao-formativa--caminhos-para-reduzir-a-evasao-escolar-no-haiti>. Acesso em: 17 jul. 2025.

ST VICTOR, M., MARTINIAK, V. L. "Ensinar as crianças em sua língua materna: uma alternativa para democratizar a educação no Haiti". In: **Anais do Simpósio em Psicologia Concreta: “Psicologia Concreta e século XXI”**, 1, 29 jul. 2025. **Anais [...]** Ponta Grossa, Even3, 29 jul. 2025. p. 1. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/ii-simposio-em-psicologia-concreta/1075720-ensinar-as-criancas-em-sua-lingua-materna-uma-alternativa-para-democratizar-a-educacao-no-haiti>. Acesso em: 1 ago. 2025.

TROUILLOT, J. *126 lèt damou*. Port-au-Prince: CUC; Université Caraïbes, 2011.

TROUILLOT, L. *Objectif: l'autre*. Bruxelles: André Versaille, 2012.



TROUILLOT, M-R. *Silencing the past: power and the production of history*. Boston: Beacon Press, 1995.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

VYGOTSKY, L. S. **Obras escogidas: problemas del desarrollo de la psique**. Tomo III. Madrid: Visor, 1995.

VYGOTSKY, L. S. **Obras escogidas: Psicología infantil**. Tomo IV. Madrid: Visor, 1996.